



Nº 2
MARÇO
2024

ENCE em Foco é uma publicação eletrônica anual da Escola Nacional de Ciências Estatísticas.

CARTA DOS EDITORES

Boas-vindas!

É com grande satisfação que apresentamos a segunda edição da ENCEemFOCO. Esta é uma publicação anual da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – ENCE/IBGE que, por meio de artigos de opinião, fala sobre temas que estiveram em destaque na Escola no último ano.

No artigo ENCE 2024: perspectivas e desafios, o coordenador-geral Paulo Jannuzzi conta sobre o trabalho desenvolvido desde o início de sua gestão, em outubro de 2023. Estão sendo estruturados cursos para atender os diferentes públicos da Escola. Foi iniciada a implementação do ingresso por cotas de ação afirmativa para graduação, especialização, mestrado e doutorado. E os *campi* Cavalcanti e Canabarro começam a ser recuperados e ampliados, entre outras novidades. [Leia Mais](#)

Conselho Editorial

Andrea Diniz da Silva
Juscelino Bezerra dos Santos
Monica Marli Gomes de Souza

Equipe

Claudio Faria Marques
Luiz Felipe Alberto Louzada
Priscila Freire

ENCEemFOCO

ESCOLA NACIONAL DE CIÊNCIAS ESTATÍSTICAS

<https://ence.ibge.gov.br>

NÚMEROS

2826 Essa é a quantidade de formadas e formados no nível superior pela ENCE até o final de 2023, sendo 2072 graduados, 313 especialistas, 414 mestres e 27 doutores.

54 Esse é o número de docentes que lecionaram na ENCE em 2023, sendo que 32 deram aulas na graduação, 15 na especialização e 20 no mestrado e doutorado.

2000 Esse é o ano que a ENCE formou a sua primeira mestra, a Patrícia Maria Damasceno Barros.

32 Esse é o número de diplomados da primeira turma de curso intermediário da ENCE em dezembro de 1953, ano de fundação da Escola.

161 Essa é a quantidade de cursos oferecidos pela Escola Virtual IBGE em 2023, que totalizaram 144.432 inscrições.

ARTIGOS

ENCE 2024: PERSPECTIVAS E DESAFIOS

Assumi a Coordenação-Geral da ENCE no dia 3 de outubro de 2023, em uma cerimônia realizada no Auditório do campus Cavalcanti, que contou com a participação do Presidente do IBGE, Marcio Pochmann ...

A ESTATÍSTICA COMO EXERCÍCIO DA CIDADANIA

Constantemente, somos bombardeados com notícias e informações estatísticas, seja a respeito de eventos esportivos, dados da saúde ou opiniões e comportamentos. Num mundo repleto de dados e informações ...

MUDANÇA CLIMÁTICA: O DESAFIO SOCIOAMBIENTAL CONTEMPORÂNEO

O debate sobre a mensuração e análise para ampliar a compreensão das interações entre o meio ambiente e as atividades humanas vem ao encontro de reflexões de diferentes áreas de conhecimento e de setores da sociedade ...

POPULAÇÃO, TERRITÓRIO E ESTATÍSTICAS PÚBLICAS EM EVIDÊNCIA

O ano de 2023 foi marcado pela participação de docentes e discentes da pós-graduação *Stricto sensu* da ENCE em diversos eventos nacionais e internacionais. Uma série destes eventos teve apoio direto da ENCE ...

PESQUISA E EXTENSÃO NA ENCE

A pesquisa científica é uma poderosa ferramenta para a geração de conhecimento e resolução de problemas existentes em nossa sociedade. Seus resultados, produzidos de forma cada vez mais ágil, contribuem ...

PROGRAMA CENSO DEMOGRÁFICO PARA A GESTÃO PÚBLICA

Em uma parceria inédita da Coordenação de Treinamento e Aperfeiçoamento (CTA) com a Universidade Federal de Goiás (UFG), a ENCE oferece, a partir do primeiro semestre, uma série de cursos EAD ...

CRÔNICA DE UMA ESTATÍSTICA

O meu primeiro encontro com a estatística foi proposto por minha mãe. Acho que ela não podia imaginar a repercussão que isso teria na minha vida inteira. Golda Britz era enfermeira e foi a primeira pessoa a me apresentar Florence ...



CARTA DOS EDITORES

Boas-vindas!

É com grande satisfação que apresentamos a segunda edição da **ENCE em FOCO**. Esta é uma publicação anual da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – ENCE/IBGE que, por meio de artigos de opinião, fala sobre temas que estiveram em destaque na Escola no último ano.

No artigo **ENCE 2024: perspectivas e desafios**, o coordenador-geral Paulo Jannuzzi conta sobre o trabalho desenvolvido desde o início de sua gestão, em outubro de 2023. Estão sendo estruturados cursos para atender os diferentes públicos da Escola. Foi iniciada a implementação do ingresso por cotas de ação afirmativa para graduação, especialização, mestrado e doutorado. E os *campi* Cavalcanti e Canabarro começam a ser recuperados e ampliados, entre outras novidades.

A professora Renata Souza Bueno fala da importância do letramento estatístico no artigo **A estatística como exercício da cidadania**. Ela comenta a orientação presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de que conteúdos de estatística devem ser oferecidos desde a educação infantil e aponta a extensão acadêmica como um canal importante para levar a estatística até a sociedade. Renata cita a iniciativa do IBGEeduca, que conta com professores e alunos da graduação da ENCE para promover o letramento estatístico em escolas municipais.

No artigo **População, Território e Estatísticas Públicas em evidência**, a coordenadora de pós-graduação Angelita Alves de Carvalho retrata a participação de docentes e discentes de mestrado e de doutorado em eventos científicos nacionais e internacionais. Ela informa sobre o início das atividades do projeto “Aspectos da dinâmica Demográfica Brasileira pós COVID-19 a partir dos dados do Censo Demográfico 2022”, desenvolvido sob o Programa Brasil-Alemanha, e do projeto “Censo Demográfico 2022: agregando valor com análises da qualidade, dos métodos, das inovações e dos resultados”. Também fala sobre a criação do grupo de pesquisas Big Data e Estatísticas Públicas e sobre os progressos do grupo de pesquisas GENERIS (Grupo de Pesquisas sobre Gênero, Sexualidades, Reprodução e suas Interseccionalidades).

Mudança climática: o desafio socioambiental contemporâneo é o artigo de João Bosco de Azevedo, professor e coordenador da especialização em Análise Ambiental e Gestão do Território. Ele comenta que as mudanças nas condições ambientais, na disponibilidade de recursos e no impacto das atividades humanas sobre o ambiente vêm ganhando força na produção acadêmica da ENCE, especialmente junto aos docentes e discentes do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu.

O **Programa Censo Demográfico para a Gestão Pública** é constituído por cursos que permitirão aos participantes buscar e interpretar informações produzidas pelo IBGE para elaborar diagnósticos municipais, estaduais e regionais. Apresentado no artigo escrito por Ana Carolina Soares Bertho, Joice de Souza Soares e Mônica Marli Gomes de Souza, o programa é resultado de uma parceria inédita da Coordenação de Treinamento e Aperfeiçoamento da ENCE com a Universidade Federal de Goiás.

A ENCE consolidou a extensão acadêmica em 2023, propondo um conjunto de projetos que promovem a integração e troca de saberes entre docentes, discentes e sociedade. O aumento do número de projetos no último ano foi abordado no artigo **Pesquisa e extensão na ENCE**, de Elizabeth Belo Hypolito, diretora de Pesquisas do IBGE, e Andrea Diniz da Silva, gerente do Núcleo de Pesquisas. A pesquisa totalizou 64 projetos em 2023, enquanto a extensão contou com cinco projetos ativos de enorme impacto social e ampla participação de estudantes.



E no artigo **Crônica de uma estatística**, a professora emérita Denise Britz nos conta detalhes de sua trajetória acadêmica e profissional. Ela cursou o nível médio no extinto curso técnico da ENCE, onde também se graduou e depois consolidou carreira como docente. “Vim para cá e fiquei. Fiquei como aluna, como professora, como membro de diversas equipes de trabalho e sempre como fã (de carteirinha) dessa Escola que esse ano completa 71 anos de existência.”

Além dos artigos de opinião, temos também a coluna ENCE em Números que, através de números, mostra curiosidades da Escola.

Boa leitura!

ENCE 2024: PERSPECTIVAS E DESAFIOS

Assumi a Coordenação-Geral da ENCE no dia 3 de outubro de 2023, em uma cerimônia realizada no Auditório do campus Cavalcanti, que contou com a participação do Presidente do IBGE, Marcio Pochmann, e com a presença de professores, técnicos educacionais, técnicos administrativos e equipe de apoio da escola. Ao longo das semanas seguintes, houve a posse do novo coordenador adjunto, Cesar Marques da Silva, e de coordenadores, gerentes e assessores, alguns empossados e outros reconduzidos ao cargo. Nos últimos três meses, a equipe formada se engajou em um conjunto amplo de atividades, que aqui sucintamente apresento.

Essas atividades foram idealizadas na perspectiva de atender à agenda de desafios que têm sido colocados para escola há vários anos e de adequar o programa de trabalho da ENCE na direção estratégica apontada pelos Diálogos IBGE 90 anos. Nesse sentido, os primeiros esforços têm sido dirigidos para estruturação de um elenco temático mais amplo de cursos, em modalidades diversas – presencial, síncrona, híbrida e autoinstrucional - para atender a demanda de formação dos servidores de toda rede do IBGE e dos diferentes públicos usuários das estatísticas e produtos geocientíficos da instituição pelo Brasil.

Foram tomadas iniciativas concretas para ofertar, já no primeiro semestre de 2024, em parceria com o Centro Integrado de Aprendizagem em Rede da Universidade Federal de Goiás, os primeiros cursos autoinstrucionais da trilha formativa “Censo Demográfico 2022 e o Planejamento Municipal”. Esses cursos têm o objetivo de potencializar a disseminação dos resultados do Censo e, sobretudo, de contribuir para o uso efetivo das informações no desenho e aprimoramento de formulação de políticas públicas, planos de desenvolvimento econômico e estratégias de sustentabilidade ambiental nos municípios, considerando as necessidades de formulação dos novos Planos Plurianuais 2026-2029. As capacitações são dirigidas especialmente para técnicos do setor público nos municípios e estados, técnicos de organizações sociais, membros de conselhos de participação social. Também têm como alvo técnicos das superintendências estaduais e agências do IBGE e professores dos mais de 600 campi de instituições de ensino superior público no país, para atuarem como multiplicadores de cursos presenciais nos municípios brasileiros.

Também foram criados grupos de trabalho com técnicos de todas as diretorias do IBGE para estruturar e oferecer cursos nas trilhas formativas “Sistema Nacional de Estatística e Geografia” e “BigData, Ciências de Dados e Inteligência Artificial”, também a serem iniciados em 2024. Novas trilhas em “Análise de Conjuntura Econômico-Social” e “Avaliação de Políticas Públicas” também começaram a ser delineadas, para desenvolvimento e oferta em parcerias com universidades e instituições públicas. Essas trilhas de aprendizagem organizam os conteúdos conceituais, metodológicos e instrumentais necessários às atividades realizadas pelo corpo de servidores do IBGE em todo país, além de atender demandas de capacitação específicas de técnicos da Administração Pública dos três níveis de governo, de jornalistas, sociedade civil, universidades e empresas.

Também estão sendo implementados, pelo empenho de servidores da escola nos últimos anos, o ingresso por cotas de ação afirmativa nos três cursos já consolidados, de graduação em Estatística – que completou 70 anos de existência em 2023 -, de especialização em Análise Ambiental e Gestão do Território e de mestrado/doutorado em População, Território e Estatísticas Públicas, ambos com mais de 25 anos. Iniciou-se também o planejamento da revisão dos planos formativos do extenso elenco de cursos de treinamento em pesquisas, constituído ao longo dos quase 20 últimos anos, ao tempo que a escola se prepara para atender novas demandas formativas, em escala bem mais ampla, como a requerida para os novos funcionários ingressantes no IBGE em 2024, em todo o país, como também a demandada para a realização do Censo da População em Situação de Rua, em pré-teste nesse final do ano.



No âmbito da pesquisa, a ENCE estruturou nesses três últimos meses, um projeto de investigação em dez campos de conhecimentos em que o Censo Demográfico 2022 pode contribuir para atualizar o retrato da realidade demográfica, social, econômica e ambiental do país. É um projeto de pesquisa que vai envolver todo o corpo de pesquisadores do IBGE, em parceria com o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento do CNPq, e com o Centro Brasileiro de Altos Estudos da UFRJ e várias universidades públicas no país.

A adesão do IBGE a outros dois projetos de pesquisa inovadores também se deu nesses nos últimos meses de 2023. Com a Universidade Federal de Goiás e Universidade Estadual de Campinas, os pesquisadores do IBGE e professores da ENCE estarão envolvidos no desenvolvimento de ferramentas e conteúdos para o projeto de Inteligência Artificial Aplicada às Políticas Públicas nos próximos cinco anos. Técnicos e gestores de municípios e estados poderão ter acesso por meio do ChatPP – Chat Políticas Públicas - às estatísticas para diagnósticos com base no Censo Demográfico 2022, a estudos de implementação e avaliação de políticas e a sugestões de programas públicos existentes pelo país afora. Com o Ministério do Trabalho e Emprego, a Organização Internacional do Trabalho e a Diretoria de Pesquisas, a ENCE participará desenvolvendo estudos e modelos de projeções de força de trabalho e de ocupações.

Por fim, mas não menos importante, iniciaram-se esforços para recuperação e ampliação da infraestrutura da ENCE, nos dois campi em que a escola está estruturada. No campus Canabarro as obras de ampliação das salas de aula e reorganização das baias de trabalho remoto e *co-working* estão avançadas. No campus Cavalcanti, em que está prevista ampla recuperação de fachada, reforma de banheiros e adequação de acessibilidade a partir de 2024, iniciou-se a criação de espaço de convivência dos estudantes no térreo com mesas, sofás, facilidades para armazenamento e aquecimento de refeições e instalação de *vending machines* (café, bebidas, snacks e sanduíches).

Há certamente muito por fazer, mas a competência técnica da equipe e a capacidade político-relacional da escola criam boas expectativas para que a ENCE venha ser ainda mais conhecida e reconhecida no país. Bons augúrios para 2024!!

Paulo Jannuzzi
Professor e Coordenador-geral

A ESTATÍSTICA COMO EXERCÍCIO DA CIDADANIA

Constantemente, somos bombardeados com notícias e informações estatísticas, seja a respeito de eventos esportivos, dados da saúde ou opiniões e comportamentos. Num mundo repleto de dados e informações, o letramento estatístico se torna crucial e um direito de todo cidadão. Nesse sentido, é preciso ir além dos simples números e explorar a estatística como uma ciência que nos faz pensar sobre os dados, analisá-los e entender a incerteza ao nosso redor.

Mas, afinal, o que é letramento? Podemos dizer que uma pessoa é estatisticamente letrada quando ela consegue interpretar e analisar as informações através dos dados, que podem ser apresentados por tabelas, gráficos e medidas descritivas. É ter a capacidade de entender a importância dos dados na sociedade, como eles são produzidos, e discernir uma fonte confiável de uma que não é. É também entender noções de probabilidade e inferência para ajudar a avaliar resultados de uma pesquisa. Mas essa capacidade não se reduz a um nível de entendimento de conceitos, muito além disso, inclui a apropriação do conhecimento para uso na construção de opiniões e análises e na tomada de decisões.

Diariamente nos deparamos com situações em que somos solicitados a tomar decisões diante de cenários onde a incerteza e a variabilidade são elementos permanentes. A estatística torna-se, assim, uma ferramenta indispensável para exercer a cidadania num mundo inundado por informações e tecnologia. A educação estatística ajuda na construção de um senso crítico do indivíduo, fazendo com que ele consiga discernir das informações consumidas o que é verdade e o que é mentira.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que orienta o trabalho dos professores quanto aos conteúdos que devem ser dados em sala de aula na educação básica sugere que conteúdos de estatística devem ser abordados desde a educação infantil. Tal abordagem deve ser acessível e familiar aos estudantes. A ideia é promover nas crianças as habilidades de construir as etapas de uma pesquisa com dados em diversos contextos para que sejam capazes de fazer julgamentos fundamentados e tomar decisões adequadas na vida cotidiana. Porém, ministrar tais conteúdos na educação básica não é uma tarefa fácil para os professores. Associar os conceitos teóricos com exemplos cotidianos é uma grande dificuldade, tornando o aprendizado mais difícil.

Uma solução é aproximar a academia da comunidade, promovendo atividades de educação estatística. Um exemplo é o projeto de extensão da ENCE em parceria com o IBGEeduca, que é o canal de educação do IBGE. Neste projeto, professores e alunos da graduação em estatística trabalham na promoção de ações em escolas municipais, assim como promovem visitas educativas de alunos e professores à ENCE. Todas essas ações têm como principal intuito a educação estatística acessível e de qualidade através de atividades lúdicas e interativas. Além disso, o projeto desenvolve materiais para auxiliar o entendimento da estatística, tornando mais fácil os conceitos teóricos para a sociedade em geral.

O letramento estatístico, portanto, é mais do que um conhecimento técnico; é um exercício de cidadania. Interpretar números e estatísticas não é apenas uma habilidade, é um fator de empoderamento, já que nos permite entender melhor o mundo ao nosso redor e agir melhor nele. Participar ativamente desse processo é a missão da ENCE, ajudando a tornar a estatística acessível a todos.

Renata Souza Bueno

Professora e Gerente de Apoio ao Ensino e à Administração Acadêmica

MUDANÇA CLIMÁTICA: O DESAFIO SOCIOAMBIENTAL CONTEMPORÂNEO

O debate sobre a mensuração e análise para ampliar a compreensão das interações entre o meio ambiente e as atividades humanas vem ao encontro de reflexões de diferentes áreas de conhecimento e de setores da sociedade, necessitando, assim, da construção de um pensamento crítico e cientificamente estruturado, que se descola do senso comum e das falácias negacionistas.

As mudanças climáticas podem ser entendidas, conforme o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), como quaisquer mudanças no clima ao longo dos anos devido à variabilidade natural ou como resultado da atividade humana. Contudo o alarme sobre a emergência climática soa a partir da constatação da aceleração das alterações nas condições do clima diante das mudanças que as atividades humanas realizam sobre o ambiente, em especial as alterações no uso da terra (remoção de cobertura natural e da expansão extensiva da pecuária e da agricultura) nos processos de urbanização e industrialização, na produção massiva de resíduos e no consumo de recursos naturais para a geração de energia.

Uma série de autores ressaltam que as mudanças climáticas envolvem um dinamismo mais complexo do que a simples elevação da média térmica e conduzem a reações ambientais em cadeia que se estabelecem a partir das interações entre os diferentes componentes do sistema: a atmosfera, a biosfera, a litosfera, a hidrosfera e a criosfera.

Nesse cenário, a análise produzida pelos estudos científicos ganha especial destaque frente a crescentes debates sobre os limites planetários diante das ações antrópicas. As iniciativas da Organização das Nações Unidas (ONU), tais como o Acordo de Paris para mudanças climáticas e o Marco de Sendai para desastres naturais e cidades resilientes, entre outros, subsidiam agendas internacionais para a discussão sobre mudanças climáticas. Incluindo a adoção da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável (ODS), que elenca indicadores e metas em nível mundial, e o Quadro Global de Estatísticas e Indicadores de Mudanças Climáticas, proposto pela Divisão de Estatísticas da ONU (UNSD), para sistematização de dados sobre indutores, impactos, vulnerabilidades, mitigações e adaptações.

É importante salientar ainda que apesar das questões ambientais ultrapassarem as fronteiras nacionais, as informações sobre o meio ambiente e alterações climáticas têm uma dimensão geográfica clara, pois afetam grupos humanos, atividades econômicas e alteram a disponibilidade dos recursos naturais localmente, impactando de forma desigual as populações e reforçando conflitos sociais.

Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) as maiores vítimas dos impactos das mudanças climáticas são as populações carentes de países mais pobres. Os choques e tensões ambientais, especialmente os relacionados ao agravamento de condições climáticas, levam populações a abandonarem suas casas em busca de novas áreas para manutenção da vida, criando uma nova categoria de refugiados, os refugiados climáticos, reconhecidos internacionalmente pela ONU, sem possuir, contudo, arcabouço legal que apoie essa categoria de deslocamento forçado.

As mudanças nas condições ambientais, na qualidade e na disponibilidade de recursos, no impacto das atividades humanas sobre o ambiente e sobre o clima e, conseqüentemente, seus reflexos socioeconômicos, vêm cada vez mais ganhando força na produção acadêmica na ENCE, especialmente junto aos docentes e discentes do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Análise Ambiental e Gestão Territorial, que busca complementar a formação de profissionais para atuação nos desafios socioambientais contemporâneos, compreendendo suas causas e procurando superá-los.



Na perspectiva pedagógica, prioriza-se a construção da visão crítica e interdisciplinar sobre as questões ambientais e territoriais, a partir da integração entre os conhecimentos, saberes e análises ambientais e o planejamento, ordenamento e a gestão dos territórios.

João Bosco de Azevedo

Professor e Gerente da Especialização

Ivone Lopes Batista

Professora colaboradora do Curso de Especialização e Diretora de Geociências

POPULAÇÃO, TERRITÓRIO E ESTATÍSTICAS PÚBLICAS EM EVIDÊNCIA

O ano de 2023 foi marcado pela participação de docentes e discentes da pós-graduação *Stricto sensu* da ENCE em diversos eventos nacionais e internacionais. Uma série destes eventos teve apoio direto da ENCE, com membros na comissão organizadora, apoio institucional e financiamentos diversos. Dentre esses, destaca-se o VII Seminário do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios - NIEM/UFRJ, realizado na ENCE, em que foram discutidas diversas temáticas e perspectivas do estudo da migração no Brasil; a Semana NIC.br de Metodologias de Pesquisa, em parceria com o NIC.br, idealizado como um espaço para o debate e a capacitação em metodologias de pesquisas; e o Encontro Nacional de Migrações, Ambiente e Trabalho: Desenvolvimento em disputa, em parceria com grupos de trabalho da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), onde se discutiu o passado recente do Brasil e seus potenciais cenários futuros, analisando as mudanças e continuidades nas políticas de “desenvolvimento”, o legado da pandemia de COVID-19, e suas implicações na dinâmica demográfica. Adicionalmente, teve-se a participação de professores e estudantes em muitos outros eventos científicos nacionais e internacionais, com a publicação de artigos científicos. Foram encontros como o Congresso Mundial de Estatística do International Statistical Institute (ISI), o Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ENANPUR), o Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE), o Simpósio Nacional de Probabilidade e Estatística (SINAPE), o Congresso Brasileiro de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território (CONGEO), a Escola de Amostragem e Métodos de Pesquisa (ESAMP), o Encontro Mineiro de Estatística (MGEST), o Congresso Internacional de Diversidade Sexual, Etnicorracial e de Gênero (CINABEH), o Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho (ABET), e o Seminário Internacional Desfazendo Gênero, entre outros. A participação ativa de representantes do programa é reflexo do empenho da ENCE em fomentar a interdisciplinaridade e fortalecer parcerias com outras universidades. Esse envolvimento reforça o compromisso da instituição com a produção de conhecimento de alta qualidade e a promoção do debate científico, consolidando sua posição como referência em pesquisa e ensino no Brasil na sua área de atuação.

O ano de 2023 também foi marcado pelo início das atividades do projeto “Aspectos da dinâmica Demográfica Brasileira pós COVID-19 a partir dos dados do Censo Demográfico 2022”, contemplado no Programa de Internacionalização da CAPES, PROBRAL, que apoia projetos de pesquisa desenvolvidos em conjunto por grupos sediados no Brasil e na Alemanha. O projeto conta com pesquisadores professores do programa de pós-graduação da ENCE, da Coordenação de População COPIS/IBGE e da UERJ. Como parte de suas atividades, em 2023 um bolsista de pós-doutorado iniciou atividades no Max Planck Institute for Demographic Research - MPIDR, em Rostock/Alemanha. Durante o mês de outubro outros dois pesquisadores da ENCE estiveram por uma semana no MPIDR e em dezembro, outros dois demógrafos do instituto estiveram na ENCE para intercâmbio da rede de pesquisadores do projeto. O desenvolvimento desse projeto representa uma grande oportunidade de formação de redes de pesquisa interinstitucional e de internacionalização do programa de pós-graduação da ENCE, contribuindo para sua consolidação.

No âmbito do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação - PDPG - Pós-Doutorado Estratégico, o projeto “Censo Demográfico 2022: agregando valor com análises da qualidade, dos métodos, das inovações e dos resultados”, que possui financiamento da CAPES, propiciou a concessão de duas bolsas de pós-doutorado com tutoria de professores do quadro permanente do Programa, contribuindo para o desenvolvimento das atividades acadêmicas e de pesquisa. Adicionalmente, o ano de 2023 contou com mais três pesquisadores em estágio de pós-doutorado.



É importante relatar também a criação de mais um grupo de pesquisa na Escola registrado no Diretório de Pesquisa do CNPq. O grupo, denominado Big Data e Estatísticas Públicas, é coordenado pela docente Andrea Diniz da Silva, também coordenadora do Núcleo de Pesquisas da ENCE. Ainda, progrediram as atividades do grupo de pesquisa GÊNERIS (Grupo de Pesquisas sobre Gênero, Sexualidades, Reprodução e suas Interseccionalidades), sob minha coordenação e da docente Bárbara Cobo, com inclusão de pesquisadores da ENCE e de discentes dos seus diferentes cursos. Destaca-se em 2023 a parceria do GÊNERIS na realização do Seminário Femina 2023. Essa é umas das atividades do Festival Internacional de Cinema Feminino (FEMINA), que tem como objetivo encontros que reúnem convidados dos meios cultural e intelectual para debaterem com o público questões relacionadas à igualdade e relações de gênero, identidades, sexualidades, corpos, representações, direitos humanos, feminismos, representatividade, entre outras temáticas pertinentes ao escopo do festival.

Em paralelo, teve-se ampliado o número de projetos financiados, com três novos projetos contemplados pelo CNPq, sob coordenação das docentes Angelita Alves de Carvalho, Julia Celia Mercedes Strauch e César Marques. Destes, o último permitiu ao docente realização de estágio pós-doutoral ainda em 2023 junto ao departamento de demografia na Universidade de Viena. Essas atividades indicam um fortalecimento das atividades de pesquisas do programa, as quais são essenciais para sua consolidação e boa avaliação na CAPES.

Em 2024 as perspectivas do programa são de avanços nas suas atividades, com publicações, incluindo o lançamento do livro em comemoração aos 25 anos; ampliação das ações de extensão, tais quais o Projeto Rio em Dados e atividades de debate dos resultados do Censo Demográfico 2022, participação em eventos nacionais e internacionais, como os Encontros da ABEP, ISI e Population Association of America (PAA), e aprimoramento das atividades de ensino e docência, com realização de planejamento estratégico e aprimoramento da autoavaliação das atividades.

Finalmente, espera-se grande inserção dos docentes e estudantes do curso nas atividades de pesquisa a serem desenvolvidas no âmbito dos diversos convênios firmados com a Escola.

Angelita Alves de Carvalho
Professora e Coordenadora da Pós-Graduação

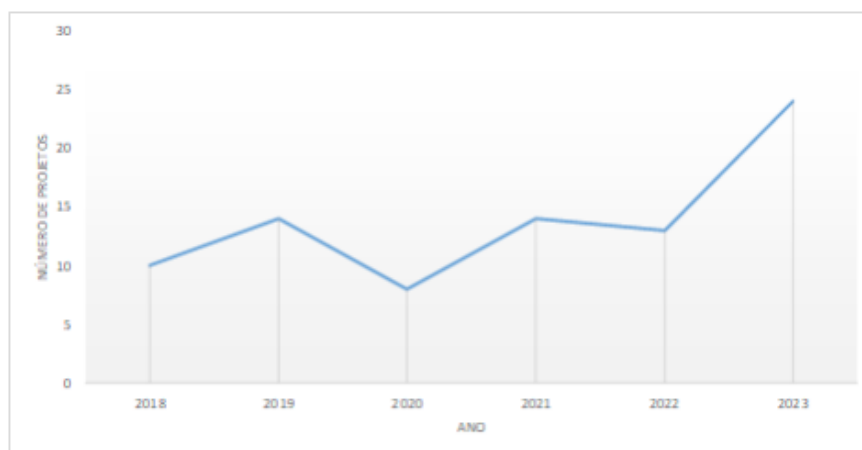
PESQUISA E EXTENSÃO NA ENCE

A pesquisa científica é uma poderosa ferramenta para a geração de conhecimento e resolução de problemas existentes em nossa sociedade. Seus resultados, produzidos de forma cada vez mais ágil, contribuem significativamente para o aumento da qualidade de vida da população. As Instituições de Ensino Superior (IES) tem um papel crucial na produção de conhecimento por meio da pesquisa científica. Para cumprir a sua missão, a Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE), em seus quase 71 anos de existência, vem produzindo, com excelência, pesquisas acadêmicas, principalmente nas áreas de estatística e demografia.

De forma complementar, a extensão acadêmica, também conhecida como extensão universitária, tem um papel fundamental na integração entre academia e sociedade, promovendo a transformação da realidade social por meio da socialização e aplicação dos saberes produzidos na academia. Além disso, é um importante instrumento de formação de profissionais mais conscientes e comprometidos com a realidade social, pois promove o contato de acadêmicas e acadêmicos com a realidade, permitindo que as teorias aprendidas em sala de aula se concretizem. A partir de 2023, a ENCE consolidou a extensão acadêmica, propondo um conjunto de projetos que promovem a integração e troca de saberes entre docentes, discentes e sociedade.

O catálogo de projetos da ENCE, lançado no ano de 2022, busca dar visibilidade aos trabalhos de pesquisa e de extensão, coordenados por docentes da escola. A edição de 2023 trouxe 91 projetos, sendo 83 deles iniciados entre 2018 e 2023. Nesse período, o ano de 2020 concentrou o menor número de projetos, apenas oito. Cabe ressaltar que esse foi ano mais crítico em relação à pandemia global da COVID-19, tendo causado interrupção temporária não apenas de projetos, mas de diversas outras atividades acadêmicas e não acadêmicas. Superado esse desafio, o número de projetos na escola voltou a crescer, encerrando o ano de 2023 com 24 projetos cadastrados (Gráfico 1).

Gráfico 1: Número de projetos cadastrados no catálogo de projetos da ENCE 2023, por ano de início do projeto, 2018-2023



Fonte: Catálogo de Projetos ENCE 2023.

Parte desse aumento recente pode ser explicada pela consolidação dos projetos de extensão, a qual motivou a criação de cinco novos projetos em 2023. A Pesquisa acadêmica foi responsável por 64 projetos, sendo 27 do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e 9 do Programa Institucional de Projeto de Pesquisa para Alunos de Graduação (PPAG). Em relação à área temática, a probabilidade e estatística predominou com 49 projetos, seguida pela demografia, com 12. Ademais, esses temas ainda apareceram em alguns projetos multidisciplinares, juntamente com computação e outras áreas (Tabelas 1 e 2). Isso mostra aderência da maioria dos projetos de pesquisa com as áreas da graduação e da pós-graduação stricto sensu da ENCE.



Tabela 1: Número de projetos por tipo, 2018-2023

Tipo de projeto	Total
Pesquisa	64
PIBIC	27
PPAG	9
Outra	28
Extensão	8
Livro	3
Outros projetos	8

Fonte: Catálogo de Projetos ENCE 2023

Tabela 2: Número de projetos por área temática, 2018-2023

Área temática do projeto	Projetos
Probabilidade e estatística	49
Demografia	12
Ciência da computação	2
Matemática	5
Geografia	2
Outras	6
Interdisciplinar	7

Fonte: Catálogo de Projetos ENCE 2023

Em quantidade menor, porém com um enorme impacto social, estão os projetos de extensão acadêmica da ENCE. Entre 2019 e 2023, a ENCE contou com 8 projetos de extensão, dentre os quais 5 estiveram ativos no ano de 2023. Os projetos envolveram mais de uma centena de alunas e alunos da ENCE e impactaram milhares de pessoas com diferentes perfis. O Projeto “Aprendizado colaborativo: a matemática como via de comunicação entre escola e faculdade”, dirigido às turmas de 9º ano da Escola Municipal Orlando Villas Boas, atendeu cerca de 90 alunas e alunos da escola. Outros projetos voltados para alunas e alunos de escolas públicas são: “Educação estatística: a estatística como aliada na construção do pensamento crítico”, “Ferramentas computacionais no ensino e aprendizado escolar” e “Aprendizado colaborativo: a matemática como via de comunicação entre escola e faculdade”. Os projetos “Estudo dos impactos da COVID-19 no Jacarezinho” e “Retratos socioeconômicos da favela do Jacarezinho”, proveu apoio especializado para o desenho amostral, desenho de questionário e orientação para coleta de dados, de uma pesquisa de campo, contribuindo para o conhecimento das condições de vida da comunidade. O projeto “Rio em Dados”, vem, desde 2020, promovendo o letramento estatístico por meio do Instagram. Com mais de 3 mil seguidores, o projeto atinge um público mais diverso e numeroso.

É importante destacar que a pesquisa e a extensão trazem ganhos importantes na construção do conhecimento do aluno, que poderão ser utilizados tanto na sua vida profissional como na sua vida em sociedade. Ela permite que ele aprofunde suas habilidades na área formação, amplia sua capacidade crítica para resolver problemas e para distinguir verdades baseadas na ciência de mentiras sem fundamentos. Dessa forma, o aumento do número de alunos em projetos é um resultado a ser comemorado pela ENCE, que reforça ainda mais seu compromisso com o ensino de qualidade.

Elizabeth Belo Hypolito

Diretora de Pesquisa do IBGE

Andréa Diniz da Silva

Professora e Gerente do Núcleo de Pesquisas

PROGRAMA CENSO DEMOGRÁFICO PARA A GESTÃO PÚBLICA

Em uma parceria inédita da Coordenação de Treinamento e Aperfeiçoamento (CTA) com a Universidade Federal de Goiás (UFG), a ENCE oferece, a partir do primeiro semestre, uma série de cursos EAD voltados para técnicos e gestores municipais e estaduais, servidores da rede capilarizada do IBGE, representantes da sociedade civil, membros de conselhos de políticas públicas, professores e pesquisadores de Instituições de Ensino Superior. Lançado em dezembro de 2023 durante a sexta edição da Caravana Federativa, realizada no Ceará, o Programa Censo Demográfico para a Gestão Pública é constituído de quatro cursos autoinstrucionais de natureza conceitual, aplicada e instrumental para todos que tenham interesse e uma oficina de formação de multiplicadores.

O objetivo dos cursos é permitir que os participantes consigam, de forma autônoma, buscar e interpretar as informações produzidas a partir de pesquisas e levantamentos realizados pelo IBGE, o que pode auxiliar, por exemplo, na aplicação de estatísticas para a elaboração de diagnósticos municipais, estaduais e regionais.

Há 29 anos, a CTA desenvolve, implementa e monitora iniciativas e projetos de extensão, capacitação e treinamento. Tais ações são voltadas principalmente para os servidores do IBGE e outros servidores públicos. Em 2023, as ações de capacitação conduzidas pela CTA alcançaram mais de 53 mil concluintes, com destaque para o treinamento da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS), que pela primeira vez está sendo realizada pelo IBGE.

Às vésperas de completar três décadas de existência, a CTA se reformula e busca atender às demandas da sociedade brasileira por informação de qualidade. Dessa forma, a Coordenação não só consolida sua vocação como formadora de profissionais preparados para atender às demandas institucionais, mas também como área possuidora de *expertise* técnica e instrucional a respeito da produção do IBGE. Democratizar o conhecimento sobre as possibilidades de uso dos dados do Censo Demográfico 2022 e de outras pesquisas produzidas pelo instituto é o caminho natural em um contexto no qual não se medem esforços para fazer a informação chegar a quem mais precisa.

O Programa Censo Demográfico para a Gestão Pública visa alcançar 30 mil pessoas, que atuarão não apenas como usuárias qualificadas dos dados públicos produzidos pelo IBGE, como também poderão ser multiplicadoras dos conceitos e técnicas aprendidos junto a gestores, técnicos e estudantes.

O primeiro curso, “O papel do IBGE e a importância do Censo Demográfico”, com duração de 20 horas, faz uma introdução às pesquisas realizadas pelo IBGE. O objetivo do curso é familiarizar os alunos com os tipos de dados coletados e a importância das informações para a elaboração de políticas públicas municipais. Os três cursos seguintes têm carga-horária de 30 horas e os conteúdos são tratados a partir de situações-problema.

O curso 2, “Conceitos e aplicações do Censo Demográfico para o desenvolvimento econômico”, tem como objetivo ensinar os alunos a usarem os dados demográficos para promover o crescimento econômico e a sustentabilidade.

“Conceitos e aplicações do Censo Demográfico em políticas públicas” é o título do terceiro curso, que apresenta como usar os dados da pesquisa para a elaboração de políticas públicas municipais. A partir da identificação de problemas, se propõe que sejam definidas prioridades e desenvolvidas estratégias para melhorar a qualidade de vida da população.

O curso 4, “Conceitos e aplicações do Censo Demográfico para o desenvolvimento sustentável”, tem como objetivo ensinar os participantes a utilizarem os dados demográficos para promover políticas públicas que considerem o meio ambiente e as gerações futuras.

Os participantes que completarem os quatro cursos com bom desempenho poderão se candidatar a uma vaga na “Oficina prática de formação de multiplicadores: elaboração de políticas públicas com base em dados do IBGE”. Com a duração de 32 horas, também na modalidade EAD, mas na forma síncrona, com a presença de instrutores, a oficina prevê a elaboração de diagnósticos específicos para cada participante, a partir de casos concretos que dependem do uso de informações estatísticas para a elaboração de políticas públicas.

Paralelamente a esse conjunto de atividades voltadas para o público externo, a CTA continuará atuando em capacitações e treinamentos internos, além de também estar presente em novos treinamentos como o do Censo de População de Rua, que será realizado pela primeira vez no Brasil. Se, por um lado, 2024 será um ano de criação e construção de novos caminhos de atuação para a CTA, por outro, será também de muitas realizações e consolidação de quase 30 anos de trajetória. Mais que isso, este ano será o momento de estruturar as bases responsáveis pelas próximas três décadas da Coordenação.

Ana Carolina Soares Bertho
Joice de Souza Soares
Mônica Marli Gomes de Souza

Coordenação de Treinamento e Aperfeiçoamento

CRÔNICA DE UMA ESTATÍSTICA

O meu primeiro encontro com a estatística foi proposto por minha mãe. Acho que ela não podia imaginar a repercussão que isso teria na minha vida inteira. Golda Britz era enfermeira e foi a primeira pessoa a me apresentar Florence Nightingale, considerada a pioneira da enfermagem moderna. A Dama da Lâmpada, dizia minha mãe, usou a estatística para produzir evidências que permitiram associar a alta mortalidade dos soldados feridos na Guerra da Criméia com as péssimas condições de saneamento dos hospitais de campanha. Florence coletava dados e produzia estatísticas públicas de saúde.

Quando eu estava prestes a iniciar o ensino médio, minha mãe me apresentou à ENCE. Ela trabalhava num hospital na Praça Cruz Vermelha e, literalmente, me trouxe pela mão para conhecer a Escola. Resumi sua motivação com três simples e convincentes argumentos (coisas de mãe): “se você quer ser independente, precisa começar a trabalhar cedo, então é melhor ter profissão e um curso técnico é um ótimo caminho”; “acho que você vai gostar de estatística, já que adora matemática”; “a escola deve ser muito boa porque é do IBGE”.

A menina de 14 anos ouviu e, desde aquele momento, a ENCE passou a fazer parte da minha vida. E a caminhada seguiu entremeada de ENCE, nas amizades, no primeiro estágio no IBGE, na formação superior, no desenvolvimento profissional, na carreira como estatística e pesquisadora do IBGE, e também no amor.

Fiz o Curso Técnico em Estatística na ENCE e continuei meus estudos na Escola para me tornar Bacharel em Ciências Estatísticas. Mais tarde, cursei o mestrado em Estatística na UFRJ e o doutorado na University of Southampton, na Inglaterra. Isso, dito em 3 linhas, fica parecendo um caminho em linha reta, sem curvas ou retornos, sem cruzamentos ou estradas transversais, ou mesmo uma jornada rápida para a qual não é necessário planejamento nem ajuda. Felizmente não foi assim, entre 1978 – primeiro ano do curso técnico e 1997 – ano de conclusão do doutorado, teve de tudo um pouco.

No curso técnico na ENCE, lá estava eu, aos 15 anos de idade, sendo exposta ao que podemos realizar na Estatística com o uso de computadores. Logo depois, fiz meu primeiro estágio no IBGE, aprendi sobre o censo demográfico, trabalhando com demógrafas e demógrafos, estatísticas e estatísticos. Minha primeira tarefa: criar um quadro comparativo com as perguntas dos questionários das diversas edições dos censos. E nesse ambiente ENCE/IBGE entendi que poderia, e queria, fazer graduação em Estatística na Escola.

A família não se empolgou com a escolha tanto quanto eu. O curso técnico numa escola pouco conhecida já estava bom. Devia aproveitar meu potencial numa graduação ligada às ciências da computação (análise de sistemas, como diziam na época).

- Minha filha... tudo no futuro vai ser feito com computadores.

- Pai, mãe, eu sei...eu seeeeeei....mas na ENCE vou aprender sobre isso também.

Então, pronto, no primeiro semestre de 1981 iniciei o curso de Graduação (noturno) na ENCE. Trabalhava durante o dia, já como técnica de estatística, numa metalúrgica longe de tudo... de casa e da ENCE, pegava cinco ônibus por dia e dormia cinco horas por noite. Chegava ofegante, às vezes atrasada, na aula de Cálculo I do primeiro período. Mesmo assim, tudo bem. A família acolhia, as amizades na ENCE eram especiais (algumas desde o curso técnico), a faculdade era ótima, e a primeira experiência de participação num Simpósio Nacional de Probabilidade e Estatística (SINAPE), em 1982, foi memorável. Um mundo de descobertas.

Entre elas o amor, daqueles que leva você a querer mesmo ficar junto. Conheci Pedro quando me candidatei a um emprego de técnico de estatística na empresa na qual ele trabalhava. Egresso da ENCE, recém graduado, com amigos em comum. Não fui selecionada para vaga, mas faremos 40 anos de casados em março. Aliás, casamento nem estava nos nossos planos. Ele, romanticamente me disse: não tenho planos de casar porque quero “estudar fora”. Eu, claro, amorosamente respondi: também não penso em casar porque tenho planos de fazer mestrado e “estudar fora”. Resultado: casamos quando eu cursava o 5º período da faculdade.

Nessa época, comecei a trabalhar como técnica de estatística na área de métodos quantitativos do Centro de Pesquisas da Companhia de Cigarros Souza Cruz. Foi lá que, logo depois de formada, tive meu primeiro emprego como estatística. Ambiente de aprendizado constante, gerenciado por duas estatísticas egressas da ENCE. As disciplinas cursadas na ENCE se materializavam nos projetos de trabalho: análise exploratória de dados, modelos lineares, planejamento de experimentos, análise multivariada.

A formatura da graduação ocorreu em dezembro de 1985, e o nascimento do Ivan em 1986 realinhou o foco das minhas energias. Aquele era o momento voltado para nossa família. Comecei minha carreira como estatística muito jovem, aos 22 anos. Senti uma sensação de vitória pelo que havia conquistado e um medo de que meu conhecimento não fosse suficiente para os desafios da profissão.

Essa combinação de sentidos me impulsionou. Queria aprender mais, outros assuntos, estudar mais, fazer mestrado. Na Souza Cruz isso não seria possível. Para acomodar as aulas do mestrado, só mudando minha jornada de trabalho para o horário de 14.00 às 22.00hs. Precisava urgentemente de um trabalho na qual a compensação dos horários das aulas pudesse ocorrer de forma mais flexível.

Foi quando recebi a boa notícia de que o IBGE estava contratando estatísticos. Então, em julho de 1987, aos 24 anos, iniciei minha carreira como estatística no IBGE. Fui contratada para trabalhar na apuração do Censo Econômico de 1985, desenvolvendo métodos para crítica de consistência dos dados. Logo após, participei da equipe que elaborou o plano amostral da primeira Pesquisa Anual de Comércio (PAC) do IBGE e fui corresponsável pelo processo de estimação. Aprendi sobre a importância do desenvolvimento de métodos estatísticos para produção de estatísticas públicas, um bem intangível que beneficia toda a sociedade. Senti orgulho de fazer parte desse processo e construí minha vida profissional dedicada à estatística oficial, bem como à pesquisa e ao ensino relacionados ao tema.

E o mestrado? Como planejado, foi iniciado em 1988, equilibrando os horários das aulas na Ilha do Fundão e trabalho no IBGE. Cursei uma disciplina por semestre (na época era permitido), o que só foi possível com uma valiosa rede de apoio da família, amigos, colegas de trabalho, e chefia do IBGE. Um período de aprendizado que ratificou o desejo de continuar os estudos. No ano da elaboração de dissertação, 1992, fui acolhida na ENCE. Retornei à Escola, dessa vez como professora, de onde obtive a licença para cursar doutorado no exterior. Aquele plano de “estudar fora” seria realizado. Fomos eu, Pedro e Ivan, que tinha 6 anos na época.

De mala e cuia, aterrissei na Inglaterra, achando que eu sabia falar inglês pois havia conseguido a pontuação no TOEFL para ser aceita na universidade. O doutorado, o dia a dia na universidade de Southampton, e a experiência de morar num país estrangeiro, mudaram minha vida. Foi nesse período também que conheci, e comecei a participar das atividades da Royal Statistical Society, da International Association of Survey Statisticians e do International Statistical Institute. Aprendi muito, também ensinei, criei laços de amizade e profissionais, tive medo de não realizar um bom trabalho de tese (ou de nem conseguir concluí-la), e dei ainda mais valor ao IBGE que, em conjunto com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), viabilizaram essa aventura de conhecimento.

Durante o doutorado, participei pela primeira vez do Congresso Mundial de Estatística (WSC-ISI), realizado em Florença. Junto com amigos da universidade, fizemos a viagem de carro. Pedro, que dirigia um carro inglês, precisou de atenção e cuidado redobrados para nos levar da ilha para uma viagem no continente num carro cujo banco do motorista é do lado direito. A participação no congresso do ISI, em 1993, foi um evento marcante para mim. Desde então, participei de todas as edições do congresso, exceto em 2021, sua edição online, pois minha mãe estava seriamente doente, tendo falecido na semana do congresso. Oportunidades preciosas de convivência profissional, um lugar para conhecer projetos inovadores, suas autoras e seus autores, e um fórum acolhedor para apresentar meu trabalho.

De volta ao Brasil e à ENCE, em 1997, aprendi a ensinar. Lecionando na graduação, tive a felicidade de fazer parte do grupo de professores responsáveis pela criação do nosso mestrado, e posteriormente contribuir para a evolução do programa na criação do nosso doutorado. Os 10 anos que se seguiram foram de contínuo desenvolvimento profissional, como professora e pesquisadora da ENCE, coordenadora do Curso de Desenvolvimento de Habilidades em Pesquisa (CDHP), assessora de relações internacionais do IBGE e como parte da equipe que desenvolveu o Sistema Integrado de Pesquisas Domiciliares do IBGE e a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.

No mesmo período, passei também a contribuir com as atividades da Associação Brasileira de Estatística (ABE), tanto na organização de eventos, quanto como membro da diretoria. Além disso, parcerias com professoras, professores e colegas egressas(os) da Universidade de Southampton possibilitaram o contínuo intercâmbio de saberes e oportunidades.

Em 2006, retornei à Inglaterra, como profissional. Trabalhei como professora na Universidade de Southampton e como pesquisadora na área de metodologia do Office for National Statistics (ONS). Aprendi a ensinar em inglês e atuar naquele ambiente acadêmico. Quando você está ensinando em um idioma diferente do seu, você tem que estar muito bem preparada. Foi um desafio. No ONS, participei de projetos na área do censo demográfico (2011 UK Census), da pesquisa de força de trabalho, e coordenei um setor dedicado aos projetos sobre estimação para pequenas áreas. Como funcionária do ONS, tive a oportunidade de trabalhar em parceria com colegas do EUROSTAT e de outros Instituto Nacionais de Estatística da Europa, Austrália e Nova Zelândia. Mais uma vez percebi como o saber adquirido no IBGE, e na ENCE, foram vitais para eu pudesse me desenvolver profissionalmente na Inglaterra, permitindo que minha forma de agir e compreender os desafios fossem sempre bem recebidos como parte das soluções.

O contato com a comunidade estatística como membro do ISI (e das associações filiadas) teve um papel vital para o meu desenvolvimento profissional, como uma janela aberta para o cenário estatístico internacional. Um caminho para o mundo. Sou membro eleita do ISI desde 2008, membro da International Association of Survey Statisticians (IASS) e da International Association for Official Statistics (IAOS). Ao longo dos anos, contribuí para as atividades dessas associações. Atuei como secretária científica e presidente da IASS. Atualmente sou vice-presidente do ISI.

De volta ao IBGE em 2010, tive a alegria de participar da equipe da Coordenação de Métodos e Qualidade do IBGE e voltar a fazer parte do corpo docente da pós-graduação da ENCE. Em 2011, passei a me dedicar mais especificamente às atividades da ENCE. Além de professora e pesquisadora, tive a honra de atuar como coordenadora geral da Escola, quando celebramos a inauguração do nosso programa de doutorado, coordenadora de treinamento e aperfeiçoamento e coordenadora de graduação. Meu orientador de doutorado, professor Fred Smith, um dia escreveu me dando parabéns e dizendo que ao receber notícias da minha evolução profissional tinha a reconfortante sensação de ter feito algo bom para minha formação. Acho que ele foi modesto porque, para mim, ele foi essencial.

Cá estamos, em 2024. E nem vi o tempo passar. Sorte minha poder encontrar, a cada semestre/ano, novas alunas e alunos que chegam à ENCE com todas as suas expectativas, e poder acompanhar o desenvolvimento daquelas e daqueles que caminham conosco. Como dizia minha sábia mãe, nem tudo são(foram) flores. Trabalhar uma vida inteira no serviço público, quase sempre em condições adversas, exige resiliência, paciência, empatia, muita disposição e jogo de cintura. Faria de novo. Nunca desejei abandonar essa jornada.

Um dia perguntaram o que eu entendia como liderança estatística (*statistical leadership*). Para responder, pensei nas pessoas que me inspiraram, nas oportunidades que tive e como eu gostaria ver jovens líderes atuando. Meu primeiro ponto é que a liderança estatística compreende o conhecimento estatístico no qual eu incluo: ser capaz de identificar desafios estatísticos, contribuir para a solução de problemas técnicos e tornar a solução útil e compreensível por partes interessadas multidisciplinares. Ajudar os outros a entender as soluções estatísticas propostas, usando comunicação clara.

Nossa profissão está se desenvolvendo e modernizando a cada dia. Então, é importante apoiar colegas no caminho de aprendizado contínuo, além de ser um exemplo de constante aprendiz. Uma boa carreira profissional é feita de esforço e dedicação, mas também de generosidade. Liderança estatística é ensinar aos outros o que você sabe, e sempre perguntar o que você não sabe. Discutir e chegar a um acordo sobre o que fazer, e como fazer, não é uma tarefa fácil. Uma solução negociada requer esforço. As pessoas reconhecem boas parceiras e bons parceiros de equipe e acredito que a liderança estatística não está relacionada apenas às habilidades técnicas, mas também às socioemocionais.

Aprendi que é necessário muito trabalho para alcançar o sucesso e que o tal sucesso tem forma e métrica específicas para cada um de nós. Escolhi as minhas, e elas estavam diretamente associadas à ENCE e ao nosso trabalho no IBGE. Vim para cá e fiquei. Fiquei como aluna, como professora, como membro de diversas equipes de trabalho e sempre como fã (de carteirinha) dessa Escola que esse ano completa 71 anos de existência. Foi muito bom trabalhar na ENCE, retribuir as oportunidades oferecidas pelo IBGE que possibilitaram a minha formação acadêmica e meu desenvolvimento profissional.

Escrever esse relato não foi tarefa rápida, nem fácil, para mim. Desejava fazê-lo curto para não cansar o leitor. Percebo que não consegui, me emocionei e a cada parágrafo queria contar um pouco mais. Afinal, não são poucos anos. Agradeço ao conselho editorial pelo convite, um presente que me permitiu a ingênua e agradável sensação de ter uma história para contar.

#SOUENCE

Denise Britz do Nascimento Silva
Professora emérita